

COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

ESCOLA

No. 2 - NOVEMBRO 2012 - FERRAMENTAS DE TRABALHO PARA OS PROFESSORES

N.º1 • OUTUBRO 2012

A formação do professor

N.º2 • NOVEMBRO 2012

Diálogo igualitário

N.º3 • DEZEMBRO 2012

Inteligência cultural

N.º4 • JANEIRO 2013

Transformação

N.º5 • FEVEREIRO 2013

Dimensão instrumental

N.º6 • MARÇO 2013

Criação de sentido

N.º7 • ABRIL 2013

Solidariedade

N.º8 • MAIO 2013

Igualdade de diferenças

N.º9 • JUNHO 2013

**Transferibilidade das
atuações educativas
de êxito**

DIÁLOGO IGUALITÁRIO



MARTA CAPLLONCH BUJOSA/
UNIVERSIDADE DE BARCELONA

Juan não gostava de ir às reuniões de pais da escola dos seus filhos. Ficava em pânico se alguém lhe fizesse alguma pergunta, por não ter palavras para argumentar suas opiniões, ou por sentir-se discriminado porque não terminou seus estudos. Ainda era pequeno quando teve que parar de estudar para ajudar sua família, e logo a escola se converteu em um lugar muito distante. Uma manhã, Carmen, sua esposa, sentiu-se indisposta e pediu para Juan substituí-la na atividade da piscina. A contragosto, Juan chegou, na hora do

recreio no centro educacional, para acompanhar os meninos e meninas dos primeiros e segundos anos do Ensino Fundamental I, na piscina, juntamente com outros pais, mães e familiares. A primeira coisa que o surpreendeu foi a naturalidade com que os meninos e as meninas tratavam os outros familiares e professores. A professora de Educação Física reuniu todos os adultos acompanhantes e trocou com eles algumas ideias sobre como era a melhor maneira deles se distribuírem no ônibus, nos vestiários e na própria piscina. Juan se sentiu muito bem participando da atividade, respondendo as perguntas dos meninos e das meninas,

e oferecendo seu apoio e suas ideias para que tudo funcionasse bem. Começou a tornar-se assíduo na atividade de piscina, e logo se animou também a participar de outras atividades do centro escolar. Agora ele já não sente medo de falar nas reuniões de pais, sabe que seus argumentos são tão válidos como os das outras pessoas, independente de seu nível socioeconômico, cultural, acadêmico e étário. A escola de seus filhos é uma comunidade de aprendizagem; um centro escolar aberto para a participação de todos os agentes educacionais em estreita colaboração.

O PAPEL DO DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO

A partir das contribuições da psicologia histórico cultural de Vygotsky (1962, 1978), surgem, na psicologia da educação, o interesse pelo aprofundamento na importância dos processos de interação e no papel do diálogo nos processos de aprendizagem. Este interesse formará a base de teorias centradas na importância da construção social de significados através da interação e do uso da linguagem. A aprendizagem dialógica (Flecha, 1997), baseada na concepção comunicativa e orientada para a dimensão intersubjetiva das aprendizagens, representa um exemplo de giro dialógico (Racionero, 2010) nas teorias da aprendizagem.

A partir desta perspectiva, a interação é imprescindível para que sejam produzidos processos de transformação individual e social através do diálogo, já que a construção do conhecimento tem início em um plano intersubjetivo/social, que será concretizado em uma construção pessoal. O diálogo é convertido, nesse processo, em um elemento central e indispensável para a aprendizagem. Neste sentido, a aprendizagem dialógica é o resultado das interações que o diálogo igualitário produz, ou seja, um diálogo em que diferentes pessoas contribuem com argumentos em igualdade de condições, para chegar a consensos, partindo do seu interesse por se fazer entender e falando a partir de pretensões de validade (Elboj, C; Puigdemívol, I; Soler, M; e Valls, R; 2002, p. 92).

Para que seja produzida uma aprendizagem dialógica autêntica, não

somente é necessário que seja gerado um grande número de interações, mas também que seja indispensável a produção de algumas condições ou princípios específicos nos quais deve ocorrer o diálogo.

O diálogo não deve estar marcado por relações de poder, mas por relações de igualdade e respeito na qual todos e todas tenham as mesmas oportunidades de contribuir com seus conhecimentos, reconhecendo, dessa forma, a inteligência cultural. (Flecha, 1997, p. 14).

O QUE ENTENDEMOS POR DIÁLOGO IGUALITÁRIO?

É aquele em que as diferentes contribuições são consideradas em função da validade dos argumentos colocados e não em função de um saber culturalmente hegemônico. Este princípio é refletido em situações nas quais, na sala de aula, presta-se atenção aos diferentes pontos de vista, aos argumentos – e não à posição das pessoas que os emitem –, com a intenção de chegar a consensos ou de resolver conflitos: “O diálogo é igualitário quando as contribuições de cada participante são valorizadas em função de seus argumentos (pretensões de validade) e não em função de quem fala (pretensões de poder)”. (Elboj et al., 2002, p.62).

As comunidades de aprendizagem estão baseadas nos princípios da aprendizagem dialógica. Desse modo, isso implica que todos os agentes educacionais (alunos, professores, familiares, voluntários, entidades do bairro, etc.) que decidem participar do centro escolar, têm espaço para dialogar de forma democrática e horizontal, de modo que todas as pessoas tenham o mesmo direito para intervir nos processos de reflexão e de tomada de decisões sobre assuntos educativos relevantes. Ou seja, “quando, nas reuniões de conselho da diretoria, nas reuniões das comissões, ou nas aulas, as contribuições que as pessoas fazem são consideradas válidas pela qualidade de seus argumentos e não pela posição que ocupam na instituição educacional” (Aubert, A; Duque, E; Fisas, M; e Valls, R; 2004, p.125).

A aprendizagem dialógica, seguindo a orientação da obra de Paulo Freire

(1970; Freire, 1990, 1997), insiste que as pessoas de grupos desfavorecidos não sabem menos, mas coisas diferentes das que alguém que tenha um título universitário. “Quando são superados os preconceitos na comunicação com as pessoas dos entornos socioculturais mais desfavorecidos, de baixos níveis acadêmicos, etc., então esse diálogo permite colocar no mesmo plano os conhecimentos dos diferentes tipos de pessoas da comunidade, dando como resultado uma melhora na aprendizagem de todos os alunos e uma maior solidariedade de toda a comunidade educacional” (Aubert, A; Flecha, R; García, C; Flecha, F; e Racionero, S; 2008, p. 173).

O diálogo igualitário faz do centro escolar uma instituição democrática na qual todos e todas participam igualmente, e na qual todos os aspectos relevantes da educação são resultado de combinados. Os alunos e suas famílias se envolvem e colaboram, contribuindo, como instrumento de formação, para a participação social e para a cidadania ativa.

Referências Bibliográficas

- Aubert, A., Duque, E., Fisas, M., & Valls, R. (Org.). (2004). Dialogar y transformar. Pedagogía crítica del siglo XXI. Barcelona: Graó.
- Aubert, A., Flecha, A., García, C., Flecha, R., & Racionero, S. (2008). Aprendizaje dialógico en la Sociedad de la Información. Barcelona: Hipatia.
- Elboj, C., Puigdemívol, I., Soler, M., & Valls, R. (2002). Comunidades de aprendizaje. Barcelona: Graó.
- Flecha, R. (1997). Compartiendo palabras. El aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo. Barcelona: Paidós.
- Freire, P. (1970). Pedagogía del oprimido. Buenos Aires: Siglo XXI.
- Freire, P. (1990). La naturaleza política de la educación: cultura, poder y liberación. Barcelona: Paidós-MEC.
- Freire, P. (1997). A la sombra de este árbol. Barcelona: El Roure.
- Racionero, S. (2010). Egalitarian dialogue and instrumental dimension. Two principles of dialogic learning in the classroom. Psychology, Society and Education, 2(1), 61-70.

SONHAMOS COM UM COLÉGIO MAIS BONITO E ACOLHEDOR

JUAN MANUEL BLÁZQUEZ ÁLVARES/ DIRETOR DO CEIP SANTA TERESA DOCTORA. LINARES.

O CEIP Santa Teresa Doctora, da cidade de Linares, em Jaén (Andaluzia), está situado a noroeste da cidade, entre as comunidades carentes de Belén, Los Naranjos, Masegosa e Fuente del Pizar, comunidades que estão consideradas entre as mais pobres da cidade. A maioria de nossos alunos/as são de etnia cigana, de nível socioeconômico e cultural baixo. Os principais problemas do centro escolar eram o baixo rendimento escolar (a maioria não continuava seus estudos no Ensino Médio obrigatório, sobretudo as meninas), grande abstenção, escassa participação das famílias e diversos conflitos de convivência.

Diante dessa situação, em 2010, depois de que vários membros do conselho gestor tomaram conhecimento do projeto de comunidades de aprendizagem, pensamos que poderia ser a solução para muitos dos problemas do centro escolar. No princípio, alguns se mostraram um pouco reticentes, pois sempre buscávamos soluções, projetos, planos ... mas não conseguíamos nada. Propusemos, na reunião do Conselho Gestor, colocar em prática o projeto e iniciamos a sensibilização, realizamos as assembleias pertinentes (com um alto grau de participação graças a uma campanha publicitária pelo bairro e visitas ao “culto”), reuniões e deliberações, onde ficou aprovada a transformação do centro escolar em comunidade de aprendizagem. Muito entusiasmados, começamos dita transformação com a fase do sonho, criando as diferentes comissões para a execução dos sonhos dos distintos setores de nossa comunidade educacional.

De lá pra cá, o centro escolar teve uma mudança evidente, mesmo que falte ainda muito caminho para percorrer. O mais significativo, além dos grupos interativos, tertúlias literárias, etc., é a mudança conceitual do centro escolar: Santa Teresa é um centro aberto à toda comunidade, onde cada vez as famílias participam mais e onde o diálogo é

a base de todas as relações; todos e todas têm voz, e sua voz é importante.

UM CENTRO ESCOLAR CÁLIDO E PARTICIPATIVO ONDE GOSTAMOS DE FICAR

Nosso centro escolar necessitava a participação de pais e mães, de familiares, amigos e vizinhos, para fazer com que os alunos vejam que seu empenho na escola é importante e impactante para o futuro de suas vidas. As primeiras experiências começaram com visitas de vários pais e várias mães às salas de aulas, onde contavam suas histórias pessoais. A surpresa foi enorme: os alunos não podiam acreditar que seus pais, familiares, ou o pastor evangélico, estavam na sua classe falando sobre a vida e em sintonia com o que os professores/as transmitiam todos os dias: a importância de frequentar as aulas e seu aproveitamento para o futuro. Uma mesma frase dita por um professor/a ou por um pai cigano, calava de distinto modo, era mais eficaz a mensagem na boca de alguém que está perto, bem próximo. Após contar sobre suas vidas, começava um diálogo que os professores e professoras ficavam perplexos, pois haviam conseguido captar a atenção dos meninos/as com uma facilidade enorme, algo que, para os professores era muitas vezes difícil de conseguir. Era um passo importante. Uma evidência a mais da importância da escola para o desenvolvimento de suas vidas, já que o que é aprendido dentro dela, servirá lá fora.

O conselho gestor de nosso centro escolar compreendeu que essa ferramenta, o diálogo igualitário, tinha que ser o pilar importante de nossas atuações, de nosso projeto educativo. Consideramos que os professores tinham que rever suas posições e aproximarem-se mais das famílias, dos alunos, para tentar conduzir o centro escolar para uma melhora de resultados, de participação e de bom clima de convivência.

TRABALHAMOS CONJUNTAMENTE E APRENDEMOS UNS COM OS OUTROS

Começamos a trabalhar em grupos interativos, realizamos as tertúlias literárias

com alunos e alunas, organizamos palestras de pais e mães (escola de pais) sobre assuntos de educação de filhos e filhas, e sobre consumo em tempos de crise... Era inegável que todas essas atuações eram pequenos porém importantes passos para o objetivo do projeto. Nas assembleias gerais, a participação dos familiares era cada vez maior: muitos pais e mães contribuía com opiniões muito interessantes e o fato de ser escutado e tratado como mais um membro fazia com que, pouco a pouco, cada um tivesse mais voz e fosse mais enriquecedora. Talvez foram estas assembleias as responsáveis por voltar a dinamizar a participação das famílias no centro escolar, por começar a empurrar de novo o AMPA [Associação de Mães e Pais dos Alunos] do colégio, por modelar a forma das famílias interagirem entre si e com os professores, com um grande respeito, onde o diálogo e a compreensão eram imprescindíveis nas comunicações.

TODAS AS OPINIÕES SÃO VÁLIDAS E RESPEITADAS

O diálogo igualitário, princípio básico do projeto de comunidades de aprendizagem como um todo, é o ponto de partida da transformação necessária para alcançar o êxito escolar. Para tanto, a melhora da convivência é uma ferramenta essencial. Dessa maneira, nosso centro escolar realiza assembleias de convivência participativa, nas quais as alunas e os alunos de nosso colégio podem se expressar livremente, dando suas opiniões sobre os conflitos ou problemas que surgem nas classes ou no recreio. Aproveitando estas assembleias, tentamos prevenir e corrigir conflitos através de exemplos recentes que haviam saído nos meios de comunicação, ou então realizávamos leituras dialógicas sobre textos que tratam sobre valores de convivência. Um exemplo claro disso foi o que aconteceu em um campo de futebol da segunda divisão, onde um jogador, quando terminou o jogo, atirou uma garrafa de água no juiz, e se escondeu entre os colegas para não ser visto. Este incidente custou ao jogador uma suspensão tem-

porária dos jogos de futebol, apesar do seu arrependimento. Após assistirmos ao vídeo e a leitura da notícia, estabeleceu-se um debate no qual surgiam os valores, as normas de convivência que estão presentes no dia a dia de nossos alunos, tanto em nosso colégio como nas suas casas e bairros. Tudo o que aconteceu neste incidente era transportado para o contexto mais próximo dos alunos, surgindo um diálogo incessante e interessante com diversas posturas sobre o fato ocorrido, e concluindo com a ideia de que não se pode resolver os problemas com posturas agressivas e atos violentos, somente o diálogo é válido.

Até hoje continuamos com o mesmo entusiasmo, seguindo com os objetivos propostos sobre a participação de toda a comunidade, tentando solucionar os pequenos problemas do dia a dia, os quais, às vezes, são numerosos e complicados. O projeto de comunidades de aprendizagem requer muita força de vontade e compromisso por parte de todos/as, sabendo de antemão que o êxito do projeto depende do investimento pessoal de esforço e trabalho, e que o caminho percorrido não é mais do que o começo da história do colégio sonhado.

Se é bom viver, ainda é melhor sonhar ...
Antonio Machado.



O DIÁLOGO IGUALITÁRIO NA FASE DO SONHO

CEIP LA PRADERA. VALSAÍN (SEGOVIA)

O CEIP La Pradera de Valsaín (Segovia) é um centro escolar pequeno e familiar, situado próximo à capital e ao município a que pertence a nossa região, e conta com um colégio de Educação Infantil e Ensino Fundamental I maior. A proximidade destes dois núcleos populacionais fez com que, tradicionalmente, as famílias de Valsaín decidissem escolarizar seus filhos em outros centros educacionais, fazendo com que o número de alunos de nosso colégio venha descendendo progressivamente.

No ano letivo de 2011-2012, começou uma mudança: todas as famílias se reuniram no início do ano letivo e foi proposto

começar a mudar o centro escolar e torná-lo mais atrativo para outras famílias e para nós mesmos, pois, afinal, nós não gostamos das coisas bonitas? Assim, dito e feito, formaram comissões de trabalho com mães e pais: a comissão das cortinas, a comissão de decoração do centro escolar, a comissão da horta, a comissão das lombadas e a comissão dos jogos no pátio. Em cada uma havia um professor ou professora responsável por convocar as reuniões, por distribuir os materiais e colaborar na realização da tarefa. Ainda assim um familiar era o coordenador. Aproveitamos a proposta das comissões para incluir tais mudanças como um Plano de Melhora intitulado: “Eu gosto do meu colégio” e decidimos aplicar os questioná-

rios do Modelo de Autoavaliação de organizações educacionais [da região espanhola] Castela e Leão, para poder obter novas áreas de melhorias. Após uma análise exaustiva de ambas experiências e do envolvimento das famílias, decidimos propor, ao final do ano letivo, para toda a comunidade educativa, a possibilidade de transformar nosso centro escolar em comunidade de aprendizagem, dado que nossa escola era aberta e participativa, e seus membros trabalham de forma conjunta e consensuada para manter e melhorar o centro escolar.

Na primeira semana de aula começamos nossa fase de sensibilização com a presença da maioria de pais, mães e pessoas interessadas em conhecer os princípios da

aprendizagem dialógica. Após essa fase, a tomada de decisão foi bem clara e contundente: Vamos fazer a transformação agora! A fase de sensibilização foi um grande impulso para as famílias e professores, levando à fase do sonho, onde estamos agora. O início do sonho encheu de esperança e está sendo fascinante ver como a solidariedade e a cooperação são os valores que estão transformando nosso centro escolar em comunidade de aprendizagem, onde todas as pessoas podem contribuir com suas ideias e opiniões na construção de um projeto comum. O diálogo democrático e igualitário é a ferramenta fundamental através da qual estamos transformando nossa escola; a partir daí foram nascendo várias iniciativas. A primeira delas foi a nomeação de nossa fase de sonho: escolhemos como lema desta transformação “Doces sonhos”. Mítica frase que todos escutam alguma vez, na hora ir dormir, frase que nos inspira confiança, alegria, esperança e felicidade. Por isso decidimos representar nossos sonhos em “doces”, em desenhos com motivos referentes a sobremesas, balas, bolos, mel... Do mesmo modo, estão sendo enviadas cartas para distintas instituições, organizações e pessoas que tenham ou que já tiveram relações com o centro escolar, para que possam escrever seu sonho e nos ajudar a criar de forma conjunta nosso caminho.

Além disso, graças ao tecido social de colaboração que estamos entrelaçando, foi criado um logotipo para ser utilizado nessa fase. Esta trama social propicia uma melhora na gestão, na aquisição e no uso dos recursos, tanto os do centro escolar como os do entorno. A escola começa a ser a coluna vertebral de diferentes dinâmicas de ação social e cultural da comunidade, propiciando ações de caráter solidário, por exemplo, uma poda de árvores que beneficia a escola, organizada por pais e mães do centro escolar e outras instituições que, de forma desinteressada, colaboram. Ainda assim, foi criada uma comissão mista, constituída por três familiares, duas professoras e uma voluntária que se reúnem mensalmente para que a informação circule de forma contínua e bidirecional, e onde todos os agentes interventores manifestam, de forma igualitária, suas opiniões, chegando a consensos, através de um diálogo democrático e sincero. Dessa comissão saíram, até agora, iniciativas como: o conserto das lombadas do centro escolar, uma

oficina de contos em francês para os alunos da Educação Infantil e outra para os alunos do Ensino Fundamental I; uma oficina de atividades manuais para os meninos e meninas, organizada pela AMPA (Associação de Mães e Pais dos Alunos) e em colaboração com o voluntariado e familiares; uma noite da astronomia, a soltura de aves de rapina do Centro de Recuperação de Aves de Rapina de Segovia, a visita do pessoal de Proteção Civil do município... algumas das quais já foram realizadas.

Mesmo que ainda não tenha sido concluída a fase do sonho, já colocamos em prática uma das medidas de êxito das comunidades de aprendizagem: os grupos interativos, graças ao apoio oferecido pelo voluntariado. Em breve, colocaremos em funcionamento as tertúlias literárias, as quais já temos pessoas voluntárias com desejo de participar, mas necessitamos concretizar a

aquisição dos textos. Por último, queremos poder utilizar nossa biblioteca, reformá-la, terminar de catalogar todas obras, criando um ambiente cálido, para poder iniciar as bibliotecas tutoradas, abrindo este espaço para todos os meninos, meninas e jovens da região, graças à ajuda e à colaboração do voluntariado.

Sim, talvez tudo isso seja um sonho, mas se não temos sonhos, não podemos tornar realidade um caminho diferente de transformação e mudança, uma escola que acolha todos e todas e que possa sobreviver em uma época de crise como a atual. Uma escola onde possam frequentar novos alunos e alunas, onde o diálogo, a cooperação, a igualdade, a diversidade e a solidariedade sejam os valores que movem a vida de uma escola que olha para o futuro com otimismo e muita esperança.

Sonhe com a gente!



VOLUNTARIADO E DIÁLOGO IGUALITÁRIO

RICARD LASHERAS ZAMORA / ESCOLA PÚBLICA
LLEDONER (GRANOLLERS, BARCELONA)

“Quem é sábio? Aquele que aprende de todos.” (Provérbio judeu).

Uma terça-feira qualquer; são 16:30 ou talvez um pouco mais tarde, e o pátio do colégio está fervendo: meninos e meninas que jogam, famílias que conversam tranquilamente... nas portas das salas e no pátio, as professoras e professores aproveitam para trocar vivências, ideias e informações com essas famílias... não há nenhum plano pré concebido, nenhum objetivo aparente, além do mero fato de comunicar...

Nestes momentos cotidianos, de forma continuada, o voluntariado do colégio (mais de 100 pessoas) informa sobre a necessidade da comissão de decoração, sobre as dificuldades dos meios em tal grupo de trabalho, sobre a necessidade de voluntários neste outro; das conquistas dos grupos interativos do 6º. ano, do capítulo que leremos nas tertúlias de 3º. ano... argumenta-se, compartilha-se, tomam-se decisões ou decidem tratar desses assuntos nas reuniões das comissões mistas (comissões formadas pelo voluntariado e pelos professores).

O que significa, para a escola Lledoner, o diálogo igualitário? Podemos promovê-lo? É conhecido como princípio nuclear na tomada de decisões habituais? Existe, torna-se realidade constante, nas salas de aula e fora delas? Realmente o diálogo igualitário propicia transformações e mudanças positivas, aprendizagem dialógica? Com quais dificuldades nos encontramos quando partimos deste princípio?

Não há, portanto, alguém que decide, uma hierarquia para se fazer as propostas, ainda que, certamente, há quem lidere e quem organize para que estas propostas sejam feitas e para que existam espaços formais e informais de trocas. O passo prévio é o de combinar um objetivo comum: que todos os meninos e meninas do colégio aprendam, na sociedade atual, na sociedade da informação.

Frequentemente refletimos sobre aquele ditado chinês: “Por que correr tanto se



não sabe onde vai?” Em nosso centro escolar sempre víamos o diálogo igualitário como um horizonte para o qual queremos caminhar. Talvez, como ocorre com o horizonte, não cheguemos nunca a escutar os argumentos e decidir em função deles; mas percebemos que quando fazemos isso, avançamos. Este avanço significa sempre mais e melhor aprendizagem para os alunos e mais coesão entre nós.

Existem espaços privilegiados onde estas situações podem ser produzidas: as assembleias da classe, as reuniões de familiares, as atividades conjuntas, as festas, os encontros pedagógicos dos professores... mas também a vida nos corredores, a escuta atenta das intervenções daquela aluna que expressa uma opinião sobre o pátio ou sobre o livro que está lendo.

QUE DECISÕES TOMAMOS?

Decisões sobre o que queremos aprender (através dos projetos e ambientes de trabalho); sobre o que vamos tomar de café da manhã e comer nos dias de colégio integral (assembleia de familiares que aprova e apoia o projeto de fruta e café da manhã ou da cantina que tem uma empresa de produtos ecológicos); sobre as normas que nos ajudam a conviver; sobre a criação de espaços de aprendizagem; sobre como vamos decorar as salas de aula, com que escola sonhamos e para onde queremos ir... Mas concretizando, o binô-

mio professores-voluntariado contribui com decisões de horários, argumentos de melhora das atividades de aprendizagem, da efetivação dos recursos, da luta por espaços e contribuições dignas, experiência e talento, bom senso; aspectos que são todos grandiosos na configuração de nossa comunidade de aprendizagem.

Dificuldades, muitas, sempre demasiadas. Às vezes, o “chip” ou a deriva de uma cultura mais hierárquica que nos faz olhar mais o papel de quem diz as coisas e não os argumentos que são ditos. Outras vezes, a pressa e o apuro por tomar muitas decisões rápidas, não sempre tão acertadas como gostaríamos. Mas ainda que essas dificuldades existam, sempre são muito menos do que as oportunidades que surgem e que a riqueza que agregam.

Esse diálogo igualitário nos permite achar novas formas de organização, de fomentar a participação conjunta, de estimular as expectativas, de procurar uma liderança escolar compartilhada. Este diálogo nos motiva a apreciar o que temos, mas a não ficarmos conformados. Mas é necessário tempo, empenho, tenacidade e capacidade de escuta. Também implica acordo, entendimento e conflito.

Finalmente, requeremos um desejo de e para os professores, familiares, meninos e meninas, voluntários: querer tocar esse horizonte onde a voz e os argumentos de todos e todas sejam fonte de aprendizagem.

COMISSÕES MISTAS E PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE EDUCACIONAL

ESCOLA PEDRO MARÍA ONTAÑO, ZIZURKIL (GUIPUZKOA)

Somos uma escola pública de uma cidade bem pequena. A organização de nosso centro escolar está diretamente relacionada com o sonho de nossa comunidade. Para formar o sonho foi organizada uma comissão mista composta de familiares, professores e “educadores populares”. Esta comissão recolheu todas as contribuições que fizeram os diferentes membros da comunidade e as organizou para poder selecionar as prioridades. Ao organizar os sonhos, ficaram evidentes três grandes blocos de prioridades: um deles mais relacionado com assuntos curriculares como o euskera [N.T: idioma basco], as tecnologias ou o cuidado com o meio ambiente; outro com a participação, formação de familiares, atividades extracurriculares e outros sonhos deste tipo; e, por último, um bloco de sonhos relacionados com infraestruturas e recursos. Além disso, para ter uma boa coordenação de todo o trabalho que estamos realizando, toda a comunidade educacional, através das comissões, criou uma comissão gestora e, atualmente, também contamos com a assembleia de familiares e alunos.

As comissões se converteram no eixo de trabalho do centro escolar, todos os assuntos previstos do projeto do centro são trabalhados nas comissões e os novos que vão surgindo são transferidos para a comissão mista que mais relação tenha com o referido tema. Por exemplo, quando a Secretaria de Educação determinou que todos os centros escolares deveriam elaborar um plano de convivência e criar um observatório de convivência, não foi criado um grupo novo, mas estes passaram a ser um objetivo e algumas funções da comissão de participação. Ou quando foi determinado que se deveria criar uma comissão da Agenda 21 (um projeto de trabalho de meio ambiente e educação), foi deci-



dido que não se iria formar uma comissão a mais, pois isto seria trabalhado na comissão de currículo e metodologia. Mesmo assim, da organização das festas se encarrega a comissão de recursos e infraestruturas. Por isso, dizemos que as comissões são uma coluna vertebral de nosso centro escolar, porque se encarregam do andamento da escola.

Nas comissões mistas são incluídas as diferentes vozes da comunidade educacional. Estas estão coordenadas por um familiar e um professor ou professora, e formadas por quatro ou cinco familiares e por professores dos diferentes segmentos. O diálogo com os alunos

também é essencial. Alunos ou alunas representantes de classe formam parte das comissões de metodologia, de participação e convivência. Também contamos com a participação do pessoal técnico da Secretaria, e “educadores populares”.

A comissão gestora é encarregada dos assuntos gerais do projeto, como assegurar a coerência das propostas das diferentes comissões, preparação da avaliação final do ano letivo, organização de jornadas, organizar a elaboração de um segundo sonho, etc. Esta comissão também incorpora o máximo de vozes possível e está formada pela coordenação de cada comissão mista, a equipe

diretiva, representantes da associação de familiares e a assessora do Berritzegune (serviço de apoio aos professores).

Como em todas as comissões há professores dos diferentes segmentos, a informação chega até nós de forma direta. Somos um corpo docente de 20 professores e professoras, e estamos divididos nas comissões, o que garante um envolvimento direto de todos e todas nos assuntos fundamentais e no andamento do centro escolar. Como decidimos as prioridades que serão abordadas a cada ano?

Através do diálogo e dos combinados. A cada ano, partindo da memória e avaliação do ano anterior, combinam-se os objetivos, as propostas de trabalho e os meios para levá-los a cabo. Divide-se o trabalho e decide-se em quais espaços é mais adequado trabalhar cada um deles: assembleia de familiares representantes de classe, associação de familiares, tutorias ou na assembleia de representantes dos alunos. Os frutos dos diferentes foros voltarão a ser colhidos na próxima comissão mista para que se continue fazendo propostas.

As comissões têm uma periodicidade mensal. Os professores de cada comissão se reúnem semanalmente para concretizar e aprofundar o trabalho que lhe foi designado; a assembleia dos alunos representantes de sala, quinzenal-

mente; e os familiares, em função das necessidades da tarefa.

ATUALMENTE, OS OBJETIVOS E ASSUNTOS DE CADA COMISSÃO SÃO OS SEGUINTE:

Comissão de participação e convivência: impulsionar uma comunicação saudável, propor as normas de trabalho e concretizá-las no centro escolar, organizar as tertúlias, o plano de convivência, organizar as atividades extra-escolares, o contrato de aprendizagem, atualizar o regulamento de organização e funcionamento (ROF).

Os assuntos fundamentais continuam através de um processo comunitário que é complexo e enriquecedor. Por exemplo, a atualização do ROF é feita por parágrafos. A comissão mista faz uma proposta, por exemplo, de uma norma. Esta proposta é encaminhada para as famílias, o corpo docente e as salas de aula. A comissão recolhe as contribuições, organiza-as e propõe sua aprovação no conselho escolar. Ainda que seja um processo longo, é muito enriquecedor.

Em relação ao contrato de aprendizagem, no ano passado combinamos um modelo de contrato, e este ano temos que combinar o processo para desenvolvê-lo.

Comissão de metodologia e currículo: potencializar a utilização do idioma basco; organização, acompanha-

mento e avaliação dos grupos interativos; impulsionar a inclusão das Tecnologias da Informação e a Comunicação na programação de aulas, oficinas de informática para alunos e familiares, projeto de Agenda 21, etc.

Para potencializar a utilização do idioma basco, contamos com um técnico da Prefeitura, uma colaboração que faz com que a prefeitura se envolva em diversas atividades, por exemplo, aulas de idioma basco para familiares na escola ou oficina de teatro para os alunos.

Os grupos interativos já estão muito sistematizados no centro escolar e este ano vamos priorizar o trabalho sobre utilização das novas tecnologias, incidindo também na formação de familiares.

Comissão de recursos e festas: nesta comissão são preparadas todas as festas: Olentzero [N.T: festa do solstício de inverno, coincide com o natal na Europa], caldereros [festa que anuncia o carnaval, com desfile de rua], carnaval, festa de fim de ano letivo... Além disso, organizam as oficinas com familiares para fazer as fantasias, decorações...

Quanto ao funcionários, trabalham conjuntamente com a Prefeitura, sempre abrindo nossa escola à comunidade e fomentando um diálogo que nos permita detectar necessidades e, definitivamente, melhorar nossa escola.